



Observações locais à mudanças climáticas em comunidades tradicionais costeiras no sudeste do Brasil

*Rafael da Silva Damasceno Pereira*¹

*Lucas de Paula Brazílio*²

*Helena Fernandes Alegre*³

*João Emílio Campagnolli Lima*⁴

*Allan Yu Iwama*⁵

Estudos recentes têm se concentrado em observações locais de mudanças climáticas e ambientais e nos riscos de desastres em várias regiões do planeta. Contudo, ainda são poucos os estudos que enfatizam o “como fazer” das observações locais com abordagens participativas. Em geral, nesse campo predominam as abordagens técnicas, baseadas em um modelo *top-down* para o levantamento e mapeamento de áreas de riscos associadas a desastres e mudanças climáticas, que muitas vezes omitem ou deixam de dar atenção as importantes e espontâneas soluções baseadas na experiência e conhecimento local encontradas por comunidades tradicionais, tais como quilombolas, indígenas e pescadores artesanais. Partindo dos pressupostos da ciência cidadã - envolvimento ativo dos comunitários, horizontalidade e beneficiamento mútuo pela participação na pesquisa - o objetivo deste trabalho foi engajar comunidades tradicionais na coleta de observações locais de impactos das mudanças climáticas. A pesquisa foi realizada em duas comunidades tradicionais localizadas no litoral sudeste do país: 1) Quilombo do Campinho da Independência - localizado em Paraty, Rio de Janeiro; 2) Sertão e praia da comunidade Caiçara de Ubatumirim, Ubatuba, São Paulo. Foram realizadas duas oficinas, uma em cada comunidade, com o objetivo de formar capacidades locais e permitir que as lideranças se apropriassem das ferramentas de mapeamento e coleta de observações. Foram entregues kits mapeadores, contendo um GPS, gravador de voz, caderno, caneta para registrar as observações, e os roteiros para realização de entrevistas. Além disso, as observações foram registradas por meio do aplicativo *Survey123* - Uma ferramenta que permite criar formulários e realizar a coleta, análise e transferência de dados de modo colaborativo. Somando o número de integrantes das duas oficinas, foi possível contar com a participação de sete pesquisadores e dez pesquisadores comunitários. Ao todo, foram coletadas, cerca de 8 observações na comunidade caiçara de Ubatuba e 13 observações no quilombo em

1 Discente do Bacharelado em Gestão Ambiental, Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo. E-mail: rafaeldamasceno@usp.br; lucasdpaula@usp.br; helenaalegra@usp.br; joacampagnolli@usp.br

2 Professor visitante pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) - DSE/CCEN. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: allan.iwama@dse.ufpb.br



Paraty. As entrevistas permitiram identificar a percepção, memórias e medidas de adaptação climática nas duas comunidades. Foram relatadas alterações na dinâmica e disponibilidade de peixes, aumento da temperatura média do ar e intensidade de chuvas, maior número de perdas materiais e humanas em função de movimentos de massa e inundações, entre outros. Observou-se que as comunidades dispõem de medidas adaptativas como a comunicação preventiva diante da ameaça de chuvas intensas e a redistribuição de mantimentos para os núcleos familiares mais vulneráveis da comunidade. A colaboração entre pesquisadores e pesquisadores comunitários foi fundamental para criar um espaço de diálogo e oportunidade de desenvolver a pesquisa, exigindo uma linguagem comum e de fácil acesso. A busca colaborativa por soluções para a adaptação climática reuniu elementos do conhecimento tradicional local e do conhecimento científico, envolvendo múltiplos sistemas de conhecimento na compreensão dos riscos e impactos das mudanças climáticas e ambientais. Tais conhecimentos podem substanciar uma transição paradigmática na redução de riscos e desastres, valorizando o território e a percepção de riscos nos processos de mitigação e adaptação baseadas nas comunidades locais.

Palavras-chave: Ciência cidadã. Adaptação climática. Comunidades tradicionais.

